

***Myrna Escreve* – um estudo das representações das relações amorosas no consultório sentimental de Nelson Rodrigues**

Beatriz Polidori Zechlinski

Este trabalho é uma análise das representações de gênero em crônicas do escritor Nelson Rodrigues (1912-1980), publicadas na coluna diária *Myrna Escreve*, do jornal *Diário da Noite* (RJ), que o autor assinou adotando o pseudônimo feminino *Myrna*, no ano de 1949. Nessa coluna, que foi escrita durante seis meses, entre 21 de março e 5 de outubro, Nelson respondia às cartas de leitoras (e por vezes leitores) a respeito de relações amorosas, dando conselhos sobre centenas de relacionamentos.¹ Este recorte faz parte da pesquisa de Mestrado em andamento que envolve outras colunas do autor publicadas em jornal, que abordam as relações amorosas, incluindo dois folhetins e a coluna de contos *A vida como ela é...*²

Nelson Rodrigues, apesar de ser amplamente conhecido como dramaturgo, escreveu durante toda a sua carreira para jornais, nos quais exerceu diversas funções, desde repórter policial a cronista de futebol. As histórias que escrevia para os jornais, tanto aquelas que assinou com o próprio nome como aquelas que adotou pseudônimo feminino, atingiram grande popularidade na época da publicação e em geral rendiam lucros para os jornais, aumentando as tiragens.

O escritor Nelson Rodrigues já tinha ampla experiência em escrever para o público feminino nos jornais quando criou *Myrna*. Ele já havia sido, durante muito tempo, a personalidade nacional *Suzana Flag*, autora de folhetins de grande sucesso em *O Jornal*. A coluna *Myrna Escreve* foi lançada no *Diário da Noite* com uma intensa campanha publicitária, que durou todo o mês de março daquele ano, onde foi criado um mistério a respeito da “autora”: “Myrna é asiática? Myrna é européia? Myrna é americana? Loura, morena, baixa, alta ou magra?”. Após o lançamento da coluna, a campanha publicitária

¹ O jornal *Diário da Noite* (RJ) deste período encontra-se na Biblioteca Nacional. Uma seleção de crônicas dessa coluna foi publicada em: RODRIGUES, Nelson. *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo: o consultório sentimental de Nelson Rodrigues / Myrna*. 3ª reimpressão. São Paulo, Cia das Letras, 2002.

² Os folhetins pesquisados são *Meu destino é pecar* (*Suzana Flag, O Jornal*, 1944) e *A mulher que amou demais* (*Myrna, Diário da Noite*, 1949).

continuava: “Milhões de confidências! Eis o que já recebeu Myrna, faça também sua confidência a Myrna!”. *Myrna* era representada no jornal pelo desenho de uma mulher com a tarja negra da justiça nos olhos.

Não há notícias de que as cartas escritas a *Myrna* tenham sido guardadas.³ Muitas dessas cartas de leitoras podem ter sido inventadas (criatividade não faltava ao autor), embora Ruy Castro, biógrafo do autor, afirme que eram verdadeiras e que Nelson recebia na redação milhares de cartas por dia.⁴ Ao lidar com essas crônicas, no entanto, é preciso ter consciência de que, apesar da probabilidade de muitas mulheres terem escrito seus dramas pessoais a *Myrna*, as crônicas que Nelson escrevia não nos permite ter acesso a esses dramas, pois sua escrita é demasiado livre e não traz informações profundas sobre as pessoas que escrevem. *Myrna* faz apenas um comentário sobre o problema da pessoa que escreveu, para, a partir dele, desenvolver suas teorias sobre o amor e os relacionamentos.

Dessa forma, é importante deixar claro que o que aqui interessa não é fazer uma análise dos dramas pessoais (tomando-os como uma “realidade”). O que interessa nessas crônicas é sua inserção no mundo feminino, pois a coluna era *lida* por muitas mulheres, de forma que as teorias produziam sentido para essas leitoras. Assim, o que se pretende analisar são as representações das relações amorosas, do feminino e do masculino, que são produzidas nesses textos e não a *veracidade* das histórias.

Devemos levar em consideração também que essa “conselheira” é uma personagem criada comercialmente, com o objetivo de ampliar o número de consumidores do jornal. Ela se utiliza de artifícios comerciais para captar as leitoras. O tom dramático, mas ao mesmo tempo romântico, por exemplo, funciona como um fator de proximidade, de compartilhamento de emoções e desgraças pessoais.

O pseudônimo feminino, além de proteger o nome do dramaturgo, foi criado para promover uma identificação entre as leitoras e a “autora”, pois a coluna é dedicada

³ Informação obtida através de Caco Coelho, que fez a seleção de crônicas para o livro: RODRIGUES, Nelson. *Não se pode...* Op. Cit.

⁴ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Cia das Letras, 1992. p. 219.

explicitamente às mulheres, mais especificamente àquelas que têm problemas amorosos. Os leitores e leitoras não faziam idéia de que *Myrna* pudesse ser um homem, muito menos Nelson Rodrigues. Dessa forma, atualmente, sabendo que se trata de Nelson, podemos perceber nas crônicas características próprias do escritor, como o humor sarcástico, a ironia e o tom fatalista, além do estilo da escrita. Na época, porém, esse reconhecimento seria muito difícil, pois essa personagem, *Myrna*, é criada com muita coerência pelo autor.⁵

Myrna é institucionalizada como uma autoridade em relação aos problemas do amor. O jornal lhe confere poder e legitimidade para que fale sobre o assunto, fornecendo-lhe um espaço público para dar conselhos. Ela se utiliza desse poder através de uma linguagem direta e enfática, fornecendo um guia de ação para sua suposta depoente. Em certas ocasiões, por exemplo, ela nem aconselha, mas ordena: “você vá ao encontro do seu marido”⁶. A identificação acontece também através da linguagem próxima, além de popular: “Quem está em causa é você. Você sofre e basta”⁷. Fala ainda na primeira pessoa do plural, “nós, mulheres”, no objetivo de promover ainda mais essa identificação.

Myrna / Nelson Rodrigues escreveu estas crônicas numa época em que a ocupação da maioria das mulheres ainda era a casa, o marido e os filhos. Apesar das enormes mudanças sociais causadas pela industrialização e urbanização no pós-guerra, diversos tipos de discurso, como o da mídia, da igreja, da justiça, entre outros, trabalhavam pela manutenção da hierarquia nas relações de gênero e pela manutenção da mulher em seu papel tradicional enquanto mãe e dona-de-casa.⁸ Assim, é importante pensar se o discurso produzido nessas crônicas se insere entre esses discursos conservadores da moral familiar, ou se teria outro caráter.

⁵ Por esse motivo, durante este texto utilizei o nome *Myrna* em referência à autoria dessas crônicas.

⁶ Crônica “Infeliz da mulher que não sabe perdoar”. In: RODRIGUES, Nelson. *Não se pode...* Op. Cit. p.22.

⁷ Crônica “Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo”. In: RODRIGUES, Nelson. *Não se pode...* Op. Cit. p. 10.

⁸ Sobre esses assuntos ver: CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2000. MARTINS, Ana Paula Vosne. *Um lar em terra estranha: a casa da estudante universitária de Curitiba e o processo de individualização feminina nas décadas de 1950 e 1960*. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 2002. BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 3ª ed. São Paulo, Contexto, 2000, pp. 607-639.

Nesse ponto é preciso levar em consideração o mecanismo da antecipação, de que fala Eni Orlandi, a partir do qual o sujeito coloca-se no lugar de seu interlocutor, antecipando o sentido que suas palavras produzirão nele.⁹ O discurso produzido por *Myrna* é pautado por uma série de fatores que envolvem a sua produção. Apesar das crônicas terem características literárias, elas cumprem dentro do jornal uma determinada função. No entanto, o autor exerce uma liberdade e criatividade muito próprias, que acabam trabalhando a favor do jornal justamente pela polêmica que causam.

Os conselhos de *Myrna* primam pelo exagero. Nessas histórias, a paixão, o destino e a “natureza” feminina são fatores fundamentais para que *ela* elabore suas teorias sobre as mulheres e a vida amorosa. *Myrna* começa sua coluna no *Diário da Noite* numa crônica em que se apresenta às leitoras como “apenas uma mulher”¹⁰. Nessa crônica já preconiza o fundamento que marcará a sua coluna, qual seja, não há nenhuma relação entre o amor e a felicidade: quem ama sofre, sempre. Este amor, no entanto, estará acima de tudo, aconteça o que acontecer. Ele exigirá os mais graves sacrifícios e as *mulheres* os farão, em nome do amor e em nome do ser amado. Isso independe de seu desejo, de suas ações, da razão ou da opinião, é assim porque esse é o *destino* de toda a mulher, não há nada que possa ser feito.

Nesse sentido, a valorização desse amor tem graves conseqüências para as mulheres, pois de fato são elas que devem se sacrificar em nome do amor e não os homens. Assim, a partir desse ponto de vista, o discurso de *Myrna* reproduz o discurso dominante sobre as relações de gênero nessa sociedade, isto é, a mulher é a responsável pela manutenção do lar e pela felicidade de toda a família. O modelo de mulher do período aparece claramente: ela deve contornar todos os problemas com doçura e tato, deve estar sempre bela para seu marido, aceitar os defeitos dele, manter-se fiel etc.

Por exemplo, a crônica “Infeliz da mulher que não sabe perdoar” é uma resposta à carta de Juannita, uma leitora que acaba de ser abandonada pelo marido depois de 36 anos de

⁹ ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 2001. p. 39.

¹⁰ Crônica “Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo”. In: RODRIGUES, Nelson. *Não se pode...* Op. Cit. p. 11.

casamento. *Myrna* então aconselha que ela procure novamente seu marido para perdoá-lo e pedir que ele volte, porque afinal, “você é mulher, Juannita. E ai de nós! Para a mulher é muito difícil conciliar o amor-próprio e o amor de um determinado homem”¹¹.

Assim, o destino da mulher seria perdoar, especialmente os homens: o namorado, o noivo, o marido e depois os filhos, os netos e os genros. Caso não saiba perdoá-los, a mulher não encontrará a felicidade, pois, conforme *Myrna*, semelhante atitude não resolveria nada, pois redundaria em prejuízo da própria mulher, de sua felicidade, do seu lar. Ela diz o seguinte:

Creio mesmo que, para a mulher, existe um arte, uma sabedoria, realmente indispensáveis – a arte de não ver, a sabedoria de ignorar. Ao contrário do que se diz vulgarmente, o melhor cego ou cega é aquela que não quer ver. Esta cegueira voluntária existe como autodefesa na vida da mulher.¹²

Dessa forma, a mulher desenvolveria um mecanismo de autodefesa, adaptando-se às situações que não lhe agradam em função do marido e da família. *Myrna* adverte que Juannita não deve entrar em conflito com o marido, não deve fazer referência aos erros que ele cometeu, pois aborrecê-lo pode ser pior para ela. A intenção é fazer com que o marido volte. Se ele voltar será a “redenção” de Juannita, ela sairá vencedora. Assim, ela deve lutar com as armas que possui: o tato e a doçura. Encher-se de razão não ajuda em nada, pois é ela quem está em desvantagem. Embora o homem tenha gerado o conflito, abandonando a mulher, a responsabilidade é dela, ela deve convencê-lo a voltar para casa.

Em outra crônica, intitulada “Sacrifique sua personalidade”, responde a Antonieta, uma que não gosta de se pintar, apesar do marido pedir que ela se pinte. Então *Myrna* diz o seguinte: “Você precisa saber depressa, antes que seja tarde: a maior arte da mulher é ceder sempre, ou quase sempre”¹³. Estes “pequenos subornos”, como ela diz, são sacrifícios muito pequenos que redundam na felicidade conjugal. E se a leitora perguntar

¹¹ Crônica “Infeliz da mulher que não sabe perdoar”. In: RODRIGUES, Nelson. *Não se pode...* Op. Cit. p. 21.

¹² *Ibidem*.

¹³ Crônica “Sacrifique sua personalidade”. In: RODRIGUES, Nelson. *Não se pode...* Op. Cit. p. 38.

sobre como fica a sua personalidade, *Myrna* é categórica: a personalidade da mulher só deve existir se não entrar em incompatibilidade com o esposo, pois

personalidade é luxo da mulher que não gosta, que não tem nenhum homem, nenhum sentimento na sua vida. Chegado o amor, tudo muda. Que é o amor, para a mulher, senão uma abdicação contínua, um incessante abandono de suas características pessoais?¹⁴

Na crônica “A mulher é uma vítima da natureza”, *Myrna* deixa muito claras algumas questões. Nesse texto ela responde a uma leitora que a acusa de proteger os homens, de ser sempre contra as mulheres. Então a “autora” se defende com a seguinte teoria: não é ela quem protege os homens, quem protegeu os homens, antes dela, foi a natureza. Assim, se a mulher é vítima de alguém não é dos homens, mas é vítima da própria natureza. Isto porque, segundo *Myrna*, a natureza conferiu a mulher o dom da maternidade, colocando sobre ela as piores penas, os mais graves deveres e as mais dramáticas responsabilidades na tragédia amorosa. Enquanto ser pai pode significar quase nada na vida de um homem, ser mãe significa muito, delimitando o peso de uma relação amorosa na vida de uma mulher.

Aqui vemos que *Myrna* nos conduz ao discurso forjado no século XIX, que faz da mulher uma prisioneira do próprio corpo. Conforme Maria Rita Kehl, nesse período, a feminilidade, vista como um conjunto de atributos, funções, predicados e restrições, foi construída por uma quantidade enorme de discursos, entre eles o discurso médico, científico, literário e filosófico. Nesses discursos era recorrente a idéia de que a mulher seria definida a partir de sua natureza, isto é, o corpo e suas vicissitudes, ao mesmo tempo em que também existia a idéia de que a “natureza feminina” precisava ser domada para que as mulheres pudessem cumprir sua função.¹⁵

Então a feminilidade aparece como própria a todas as mulheres em função de seu corpo e de sua capacidade procriadora. A partir daí atribui-se um pendor definido para que

¹⁴ Ibidem. p. 39.

¹⁵ KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro, Imago, s.d. p. 58.

elas ocupem um único lugar social: a família e o espaço doméstico; e para que tenham todas um único destino: a maternidade. Para que correspondam a esse ideal pede-se que ostentem virtudes consideradas próprias desse lugar que ocupam: o recato, a docilidade e a receptividade passiva aos desejos dos homens e também dos filhos.

Vimos que *Myrna* traduz essa imagem da mulher muito claramente naquela crônica e também em outras. Então poderíamos nos perguntar o que afinal diferencia este material produzido por *Myrna* dos tantos outros que já conhecemos, que divulgavam o mesmo tipo de ideologia. O que se percebe é que no texto de *Myrna* essas suposições são tão exageradas, tão enfatizadas e ditas de forma tão clara, causando uma espécie de vertigem a quem lê (pelo menos nos dias atuais), que percebemos um certo cinismo ou ironia do autor por traz da personagem *Myrna*, pois sabemos quem ele é e conhecemos sua obra.

Enquanto nos demais meios de comunicação alguns pressupostos estão implícitos, como o de “natureza feminina”, por exemplo, *Myrna* não só fala sobre isso, como teoriza a respeito e mais, assume que a posição da mulher é uma posição de sofrimento. No entanto, *Myrna* está lá para consolar suas leitoras, para mostrar que é assim, que não há o que possa mudar isso. A mulher que não age dessa forma é porque não ama verdadeiramente.

Nessa sociedade, cada vez mais o casamento passa a ser visto como uma escolha pessoal. Conforme Denis de Rougemont, a sociedade burguesa valoriza o amor-paixão e o associa ao casamento, já que caem de moda as coações sociais que faziam da união conjugal um negócio. As questões de posição, de sangue, de interesses familiares e mesmo de dinheiro passam para segundo plano em função de uma idéia moderna e burguesa de decisão individual sobre a própria vida, onde entra a escolha recíproca dos conjugues. O casamento passa a ser baseado em determinações individuais e o casamento sem amor cai de moda.¹⁶

As teorias de *Myrna*, fazem justamente essa junção, já que ela, na totalidade de suas crônicas, faz um tributo ao amor romântico, desprezando qualquer tipo de união que não esteja baseada num amor verdadeiro. Nesse sentido, ela sempre contraria as pressões

¹⁶ ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. Lisboa, Moraes editores 1968. p. 247.

familiares, como por exemplo, as relacionadas a dinheiro ou a diferenças de idade. Mas isso acontece em nome do amor e em nome de um sacrifício que as mulheres têm que fazer por amor. Dessa forma, podemos encarar este fato conforme Bourdieu o pensou, de que o amor é a dominação aceita, a forma mais sutil e mais invisível da dominação.¹⁷ O caráter desse amor é mascarar toda a hierarquia das relações de gênero, já que se coloca como um sentimento superior aos problemas mundanos, em nome do qual a submissão feminina adquire até uma certa beleza.

Assim, as teorias de *Myrna* encontram-se em consonância com uma série de fatores ainda presentes nos discursos e práticas dessa sociedade. No entanto, em suas crônicas, a sublimação do amor e da submissão das mulheres acaba tendo dois lados, pois ao mesmo tempo em que ela sempre direciona às mulheres a agradarem os homens das mais diversas formas, ela expõe a tragédia da condição feminina com a mesma intensidade. Traduzindo os conflitos sociais postos nas relações amorosas, ela mostra a infelicidade que está no destino de todas as mulheres que se apaixonam.

Como é destino, no entanto, colocado pelo próprio corpo feminino, não há solução possível. Aqui vemos o pessimismo do autor, característica presente em toda a sua obra, seja teatral ou jornalística. Por isso, ele era criticado pela esquerda do país, pela falta de um caráter político nas suas obras, no sentido de não apontar possíveis mudanças sociais. Como resposta ele dizia que se interessava pelas pessoas, não pela política.¹⁸

Para finalizar, é importante destacar que o jornal utiliza-se de todas essas características em benefício próprio. Primeiro, no sentido de divulgar uma moral conservadora (pois não fazia parte de uma imprensa progressista). Por outro lado, a própria polêmica causada pela forma exagerada como *Myrna* explicita suas teorias, rende ao jornal, pois chama a atenção dos leitores.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2ªed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002. Especialmente: Post-scriptum sobre a dominação e o amor, pp. 129-149.

¹⁸ Conforme CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico...* Op. Cit.